

UMA FIGURA LITERÁRIA DO NORDESTE: NÍSIA FLORESTA

Por Henrique Castriciano

Para o Diário de Pernambuco escreveu o escritor norte-rio-grandense Dr. Henrique Castriciano o [ilegível] artigo que se segue sobre Nísia Floresta. Nísia Floresta recortou na vida brasileira do seu tempo curioso perfil. Nascida e criada num lugarejo do interior do Rio Grande do Norte ainda na época colonial – quando as mulheres eram entre nós quase mouriscamente tratadas e educadas – ela foi quase ao extremo oposto na sua reação, favorecendo-lhe as atitudes o ambiente europeu da metade do século decimonono. Impregnada de liberalismo, de cientificismo e do positivismo [ilegível] de emoção das cousas de sua terra e [ilegível] Auta de Sousa [ilegível] foi um dos espíritos mais gentis que [ilegível] aridez das nossas letras, conseguiu fixar da personalidade e da vida de Nísia Floresta os traços mais curiosos e interessantes.

A evolução intelectual do Rio Grande do Norte, como a diversos Estados do Norte e do Sul do Brasil, apresenta certos aspectos interessantes, comparada com a de outras circunscrições da República.

Não tivemos, nós os norte-rio-grandenses, o que se poderá chamar de literatura colonial, isto é, a transplantação mais ou menos direta do pensamento lusitano com a sua característica sintaxe, tão diferente da construção gramatical brasileira.

Talvez mesmo não seja exagerado dizer que, excetuando a curiosidade relativa a imediatos interesses administrativos, vivemos até muito depois da independência, como que alheios ao resto do país, devido à exiguidade de recursos econômicos, aos minguados meios de transporte e à restrita capacidade mental dos dirigentes enviados pela metrópole.

Não veio até nós o menor reflexo da atividade intelectual da Escola Bahiana (século XVII) e do Grupo Mineiro (século XVIII). Somente em meados do século passado nos chegou a tentação das letras, tardança natural, desde que não tivemos em tempo bons [ilegível], conforme sucedeu em Bahia, Minas, Pernambuco e Rio, governados por varões de alta linhagem e lúcida inteligência, alguns dos quais fundaram associações de letras, como o vice-rei Mello Castro, que permitiu funcionar em Palácio a Academia Brasileira dos Esquecidos reunindo em sua casa, no dizer de Rocha Pitta, “as pessoas de maior graduação e entendimento” e o Marquês das Minas, sob cujo governo os poetas, segundo Araripe Júnior, tiveram o seu dia de glória.

Não encontro o menor vestígio de ação de tais estímulos na mentalidade norte-rio-grandense, naquele tempo e muito depois entregue por completo à vida vegetativa,

com o resto da nacionalidade, excetos os núcleos mencionados, estes mesmos à mercê de acasos, no fundo puramente econômicos.

E é meditando na situação mental no meio em que apareceu Nísia Floresta Brasileira Augusta (1809-1885) que podemos medir o valor dessa singularíssima figura literária.

[ilegível] brasileiros lhe conhecemos [ilegível]. Entretanto, ele é [ilegível] de uma das mais fortes individualidades femininas do país em todos os tempos.

Difícilmente se compreende como essa admirável mulher nascida e educada nos arredores de um vilarejo (Papary), sem meios de fortuna e numa época cheia de preconceitos, pode adquirir os conhecimentos de que fez uso no Brasil e na Europa, onde publicou em francês e italiano diversas obras.

Não cabe aqui a narrativa dos pormenores dessa atormentada, intensa e gloriosa existência; mas, uma vez que raros a conhecem, convém acrescentar alguma coisa às [ilegível]. Nísia deixou o Rio Grande do Norte aos 19 anos, em companhia de alguém que arrebatou de um lar infeliz, onde penava desde os 15, casada com um pobre funcionário público, em cujo espírito retardado nem de leve podia passar a ideia do valor intelectual e das aspirações de tão estranha companheira.

Indo residir em Recife o marido, certamente por conselhos de impertinente caturra porventura vítima de igual desastre doméstico, moveu-lhe aí escandaloso processo, o que a fez mudar-se para o Rio Grande do Sul, donde, parece, era filho o seu novo companheiro. Aí fundou um colégio feminino que teve grande nomeada, mas o Rio a seduziu e ela para lá se transportou continuando a nobre profissão de educadora, ao mesmo tempo que fazia, em 1842, conferências abolicionistas e republicanas, nas quais pregava a liberdade de cultos e a federação. Em 1849 deixou o Brasil e fixou residência em Paris onde conviveu com os mais eminentes espíritos contemporâneos. Lamartine, Victor Hugo, Georg Sand, Saint Hilaire foram amigos espirituais seus e é pena não tenha sido publicada a correspondência mantida com essas luminosas intelectualidades, salvando-se apenas, editadas pelo Apostolado Positivista do Brasil, algumas cartas de Augusto Comte, a quem socorreu nos dias de penúria e cujo saimento foi a única mulher a acompanhar.

Nísia viajou grande parte da Europa. Demorou-se bastante na Itália, cujo aspecto físico e moral desenhou em soberbo livro, escrito em francês, em dois tomos com cerca de 400 páginas cada um.

Correspondeu-se ativamente com o célebre Garibaldi, Manzini e outros heróis da unidade italiana, cujos interesses advogou em mais de uma gazeta e a que se refere por várias vezes nessa obra notável. Viajou também pelo Oriente e escreveu sobre a Grécia muitas páginas cheias de colorido e profundidade.

A sua individualidade, porém, destaca-se da de todas as outras escritoras brasileiras pela elevação de vistas com que encarava os problemas sociais e políticos, fazendo da pena e da palavra sincero elemento da propaganda não só das coisas do país como dos ideais em voga nos cultos centros europeus. Neste sentido orientou a sua educação intelectual, frequentando os mais célebres cursos de ciência e literatura na Itália, nas Inglaterra e em Paris, relacionando-se com os mais sérios espíritos do tempo.

Em toda a sua obra há traços de piedade pelos humildes bem como de intensa lembrança dos lugares em que passou a infância. Sente-se também, na preocupação com que exalta o encanto da vida familiar, tristeza recôndita de não ter podido manter-se dentro das normas impostas ao sexo frágil como fatalidade a que não pudera fugir e a que nunca se refere, preferindo sempre enaltecer as qualidades do segundo companheiro, esposo legítimo depois e quem houve filhos, primorosamente educados.

O *Opúsculo humanitário*, de cerca de duzentas páginas, é um brado eloquente em favor da mulher brasileira e muito é para admirar esse gesto naquele tempo, quando ainda no Brasil de hoje a tendência geral é para conservar as nossas compatriotas nos limites de uma instrução lamentavelmente frívola.

No intuito de dar uma ideia da atitude habitual dessa nobre individualidade patricia em relação às cousas do país e do mundo, transcrevo o seguinte trecho do *Trois ans en Italie*, a propósito da decadência de Nápoles ao tempo de sua visita:

Je ne partage aucunement l'opinion de la plupart des voyageurs qui parcourent cette péninsule en se récriant sans cesse contre les vices de ses nationaux, vices qui abondent grandement chez les nations de ces voyageurs, et y méritent bien plus d'être blâmés que ceux d'un peuple sur qui de longue date pèse le fléau de la domination étrangère.

Rien ne me paraît plus reprochable que l'indifférence ou le manque d'indulgence envers ceux qui souffrent un grand malheur. Mais ce qui doit le plus révolter, c'est que ceux mêmes qui ont causé en partie ces malheurs blâment impitoyablement les fautes qui en résultent. Un Français me disait un jour à Rome qu'il ne concevait pas comment on pouvait aimer un peuple aussi dégradé que le peuple italien. J'en conçois parfaitement, lui répondis-je; ce qui me semble plus difficile que cela, c'est qu'on puisse aimer des nations qui ont le plus coopéré à l'oppression de ce malheureux peuple que vous appelez dégradé, et pourtant j'aime beaucoup la nation française.

Prestará inestimável serviço às letras pátrias quem estudar criteriosa e demoradamente essa por tantos títulos excepcional figura feminina, uma das maiores da fase romântica entre nós.

Eis o título das obras que deixou publicadas, algumas das quais existem na Biblioteca Nacional:

Direitos das Mulheres (1833)

Conselhos a minha filha (1845)

Pensamentos (versos) (1856)

Lágrimas de um Caeté (1849)

Revolta praieira (1850)

D'Assis (1850)

Opúsculo Humanitário (1853)

Scintille d'un'anima brasiliana (1855)

Trois Ans en Italie (1861)

Voyage en Allemagne (1863)

Abysmo sobre flores (1864)

Um passeio ao Luxemburgo, Dedicção a uma amiga, Le Brésil (1871)

Fragments d'un Ouvrage Inédit (1875)

Deixou inédita uma coleção de poesias – *Inspirações maternas* e *Memórias de minha vida*. Os *Conselhos a minha filha* foram traduzidos para o italiano pelo bispo Modori e para o francês.

Nísia faleceu em 24 de abril de 1885, em Roma e está sepultada no cemitério de Bonsecours.

FONTE:

FREYRE, Gilberto et al. *Livro de Nordeste*. Edição fac-similada. Introdução de Mauro Mota; prefácio de Gilberto Freyre. Recife: Arquivo Público Estadual/Secretaria da Justiça, 1979. p. 138-139.